

A Choldra

Semanario republicano de combate e de critica á vida nacional

Ano I — Num. 15

Preço 1 Escudo

Telefone: Trindade 527

Director — Eduardo de Sousa

Proprietario-Administrador — José Valentim

Editor — Henrique Jorge Didelet

Red. e Administ. — R. do Poço dos Negros, 86, 3.º — LISBOA

8 de Maio de 1926

Officinas Graficas

Rua do Seculo, 150

VAMOS!

Era fatal. Os homens que veem dirigindo o Partido Democratico, depois de terem atraído a lei organica partidaria, o seu velho e honrado programa, os principios mais sagrados da Democracia, as bases mais elementares da defesa da Republica, tinham — lançados já no declive do abismo — de ir mais longe na loucura feroz e criminosa da traição. Os dirigentes do Partido Democratico querem trair, não já só a Republica, mas os interesses sacrosantos da Patria!

A fraquesa, a traição, o recuo constante, pertinaz, teimoso e inconsciente, é o seu lema. Tudo fazem na ansia de se manterem no poder!

De tudo lançam mão para não morrerem!

Os republicanos, a Nação, querem a Liberdade de commercio e industria para os tabacos.

Querem porque tem a consciencia, menos do que a consciencia, o instinto de que este sistema viria salvar o Estado, melhor e mais largas receitas garantir para a grande obra de fomento a realizar exigida imperiosamente pelas necessidades fatais do paiz. A Nação quer! Mas de uma escusa travessa do Bairro Alto, de Lisboa, meia duzia de vozes esganiçadas, acolitadas por uma maioria sujeita á forte coleira partidaria, erguem-se a exigir o contrario!

— A Patria salvar-se-hia com a Liberdade de industria?

«Que importa? O Partido Democratico, nós os que o dirigimos, salvar-nos-hemos com a *Regie!*

«Pois a *regie* vingará «nem que necessario se torne fazer a revolução!»

Não o quer o Povo, mas quer o sr. Silva, o sr. Pimenta, o sr. Tavares Ferreira, o sr. Loureiro, o sr. Guedes!

Pois que se cale o Povo!

A *regie* hade ser um facto!

Mais alto, pois, do que os interesses nacionais faz-se ouvir nesta hora, o grito de angustia do Partido Democratico, já nas torturas da agonia.

A ele procuram acudir os homens que mais contribuíram para a sua morte.

A oxigenação impõe-se lhes para prolongar um pouco a vida do seu partido.

A *Regie*, trazendo ensejo para anichar alguns milhares de afilhados á custa de alguns milhões de escudos saídos dos cofres nacionais, é o balão de oxigenio salvador.

Para o conseguirem, tudo farão.

Hão de caluniar, hão de matar, hão de fazer a revolução!

Não ocultam eles os seus intentos, não negam eles o seu pensamento desafiando o Povo, desafiando toda a Nação para um combate do qual — sabem-no bem — só poderão sair vencedores envoltos no sangue generoso derramado por muitos portugueses!

Eles desafiam!? Pois aceitemos o desafio!

Ergamos a luva!

Este governo de tiranetes em dictadura criminosa quer lançar o Povo para uma luta fratricida.

Este governo de traidores aos interesses da Patria, desafia a Nação em nome dos interesses do seu grupo politico!

Revolução!? Pois faça-se a Revolução!

De um lado estará todo o paiz, unido forte, ansioso de sacudir a tirania de meia duzia de imbecis que esquecem a Patria e fingem defender um partido que tantas vezes a tem traído.

Do outro lado, *eles* — os das deportações, os das forças-vivas, os da corrupção e prostituição da Republica!

Vamos!

Carta a um anjinho de procissão

sobre as malas-artes do Snr. Todo Poderoso, que está de porta aberta na Travessa da Agua de Flôr

Meu anjo,

Tu que és a mesma pureza e inocência es-cuta o uivo dorido dum velho cão sem coleira nem açamo, que vê aproximarem-se dias negros para o pobre cego que guia:

Habemusad Domino! Temos Senhor e Rei e Deus!

Parece no entanto que os seis milhões de portugueses vivem e actuam só por obra e graça dum Todo Poderoso Senhor Deus dos Exercitos e da Policia que é o inefavel e altissimo Directório do P. R. P.!

Ali, naquele pardieiro da Travessa da Agua de Flôr, onde de facto parece residir a soberania da Nação, os capatazes da roça tudo poem e dispõem, para desprestigiar a Republica, e fazer dela coisa ainda mais vil do que a propria monarchia.

Paredes meias com prostibulos, onde as mulheres publicas alugam seus corpos, os homens publicos, que prostituiram a consciencia, gizam o plano de devorar a carcassa do país. A carne gualdiram-na elles, ainda ensanguentada e quente da polvora queimada nos combates pela Liberdade e pela Democracia. Agora é o osso esburgado que se propõem triturar em suas mandibulas vorazes.

Nesses bonzos sordidos, que constituem a guarda do sepulcro, deu-se um estranho fenomeno: a cabeça transformou-se-lhes só em queixadas e todas as visceras e tecidos foram absorvidos pelo estomago, que se dilatou, tomando proporções colossais, até que cada bonzo ficou transfigurado num sacco, flacido e fedorento, com dentes agudos na boca.

E são essas coisas amorfas, repugnantes, que grunhem e comem, quem dirige alguns milhões de seres, que pensam, trabalham e sofrem!...

O Directorio do P. R. P. é o Deus da religião da voracidade. Em seu trono de vomitos avinhados rege os nossos destinos. É por existir esse Directorio que devora e ronca, enquanto mastigam os correligionarios, que é possível um Silva, como esse que para aí está a representar de estadista, e a empear o ambiente.

É por existir esse ente Todo Poderoso, que a récua de onagros da maioria parlamentar se se bate e barafusta pela *régie*, pela administração directa do Estado (quere dizer: do que é a personificação do mesmo Estado) Directorio do P.R.P.) na melgueira dos tabacos. Já há muito tinham esfarrapado o honrado programa do velho Partido Republicano Português. Desculpa-

vam-se os traidores com as indicações da opinião publica. Hoje, porem, que essa opinião unanimemente pede a liberdade de industria, tal como ela foi prometida nos tempos da propaganda, com que se desculparão os manipansos da Travessa Agua de Flôr?

*

* *

E' tempo porém de sacudir o jugo desses tiranetes que com sua teimosia e avidéz ameaçam lançar o paiz numa guerra civil. As tentativas anteriormente feitas para libertar a Nação oprimida pelos bonzos, que sempre se supozeram senhores da roça, foram significativas, mas contraproducentes: o 27 de Abril, o 5 de Dezembro foram ensaios, experiencias, que falharam. O primeiro movimento abortou e o segundo, pela contemporização com os elementos reaccionarios, desvirtuou a sua missão depuradora.

Não queira porém esse torpissimo Directroio dar ao martirologio da Republica mais alguma data sangrenta. Instale-se embora à meia-porta na Travessa da Agua de Flôr e faça o seu commercio, mas não tenha a pretensão de bater o pé ao país, porque pode virar-se o feitiço contra o feiticeiro e sermos nós a bater com o pé, ou com a ponta da bota, nesse montão de lixo e fezes que é o Todo Poderoso, o divino e incomparavel Directório do P. R. P.

O espectáculo que as oposições parlamentares deram neste momento, decisivo para a vida do regime, traduz bem a repulsa geral contra a obra de traição e felonía planeada na alfurja da Travessa da Agua de Flôr.

Oxalá que considere nesses acontecimentos quem deve neles considerar, quem tem por missão ser o fiel da balança e ouvir tambem, alem do ornear do Todo Poderoso, o clamor affetivo da opinião publica. A opinião publica não é representada pelos jornais das forças-vivas ou da moagem, que simplesmente, neste momento, calculadamente, se limitam a ser o reflexo dela. A opinião publica é alguma cousa de alto e sagrado, que nem por se estar em Belem é licito ignorar. A opinião publica é a consciencia colectiva que protesta e clama contra a obra de corrupção e veniaga duma corrente politica que já cumpriu a sua missão histórica e cuja coesão hoje é fruto da gamela do poder. Manter-lhe a gamela é atentar contra a integridade do regime, chega a ser um crime de lesa-Patria.

Se o Chefe de Estado esqueceu os ve-

NÓS E "A BATALHA"

O caso dos Olivais e a Esquerda Democratica

O órgão da organização operaria, num artigo em que procura sacudir a água do seu capote encharcado pela attitude que tomou na especialização do seu injusto ataque aos parlamentares da Esquerda Democratica, pergunta:

«Quando da caçada sangrenta e brutal dos Olivais era o sr. dr. José Domingues dos Santos ministro da Justiça. E o que fez ele? Que disse ele? Que attitude tomou ele?»

Simplemente uma attitude clara, nobre e ajustada aos principios que defende.

Indignou-se e manifestou a sua indignação em conselho de ministros contra o que se havia passado, e, quando o ministro do Interior de então, communicou ir deportar os presos por questões sociais, tendo já os navios de guerra prontos a partir de caldeiras acesas, o sr. dr. José Domingues dos Santos de tal forma protestou que as deportações não se fizeram nessa ocasião para que o ministro da Justiça, que pusera a sua pasta

sobre o assunto, não abrisse a crise governamental!

E por isso no Parlamento sofreu alguns ataques.

Que fez, o que disse o actual *leader* da Esquerda Democratica? Isto só.

Alguna cousa mais do que fez a organização cêgétista após as ultimas deportações que, bem no intimo, tantos dos seus dirigentes receberam com um ah! de alivio por, emfim, se verem livres de *alguns* mesmo por processos absolutamente contrarios a todos os principios de justiça e liberdade.

E ponto que a hora não é para estas pequenas questões mas para nos unirmos: das bandas do Norte grossa borrasca se avizinha...

E já que falamos de *A Batalha*, queremos agradecer aos colegas amigos que nela trabalham a solidariedade manifestada perante a agressão de que fomos alvo ante-ontem.

xames do 5 de Dezembro, que a inabilidade do partido que era poder tornou possível, se ficou satisfeito com o ostracismo a que foi votado apoz Monsanto, não se lhe dando a reparação que lhe era devida, se na sua memoria se apagou para sempre a recordação daquela madrugada de 21 de Maio, lembre-se ao menos dos factos presentes, olhe com olhos de vêr para o que passou no Parlamento e alije esse trambolho, de rim pôdre e alma pôdre, que pela sua incultura deve afrontar a mentalidade do Doutor Bernardino Machado e pela sua testarudez e impericia politica repugnará decerto ao finissimo politico que é hoje o Supremo Magistrado da Nação.

Se governar é prever, o Chefe de Estado tem obrigação de prever a que extremos pode levar a inquietude do Cego e o ladrar alto do cão que o guia e guarda.

Este uivo prolongado é sinal de que os lobos rondam o rebanho e que os anjinhos—como tu—devem encolher as asas e empunhar uma clavina, para guardar o comum.

O CÃO DO CEGO.

Ha sómente duas fórmas de vida; a putrefacção e a combustão. Escolhem a primeira os poltrões e os cubiçosos; a segunda os corajosos. Cada um que ama a beleza, a majestade, as vê distintamente.

Maximo Gorki

O MUNDO

Já se encontra na sua séde propria este velho e nobre defensor dos ideais por que pugnamos.

É sincero o nosso regosijo por ver emfim sufocada a cabala vergonhosa que, nam dos nossos primeiros numeros, verberamos com justiça.

Daqui abraçamos Urbano Rodrigues, alma do jornal, amigo que julgamos sincero e jornalista republicano com pena de raro brilho.

Nóbrega Quintal

Advogado

Processos em todos os tribunals — Recursos para o Conselho Colonial

RUA DOS BACALHOEIROs, 139, 2.º, D.

TELEFONE C. 2547

LISBOA

JOSÉ FRANCISCO XAVIER

Chefe da 4.^a Secção da Policia de Investigação criminal

Publicamos, no nosso numero de 20 de Março, a seguinte local:

A *Choldra* tambem quer dizer algumas palavras d'este justamente celebre agente da policia, cujo cadastro não conhecemos senão por informações que não queremos usar agora. Dizem-no um dos mais habéis agentes policiaes. Daqui afirmamos que é o principal instigador do atentado ao sr. Ferreira do Amaral. Afirmamos que, durante muito tempo, com os legionarios conviveu e, com eles, cometeu em alguns *restaurants* de Lisboa.

Este agente já regressou ao pais. Aguardamos dele o desmentido à nossa afirmação.

Até hoje, á nossa redacção não chegou qualquer desmentido nem a noticia de que o sr. dr. Teixeira Direito, director da P. I. C., tenha ordenado qualquer inquerito motivado pela accusação que formulamos, segundo informação fornecida pelo sr. Armando Martins, ex-empregado da Carris de Ferro, que, perante testemunhas, nos auctorisou a publicar o seu nome disposto como está a, perante quem de direito, dizer de sua justiça.

Acrescentamos hoje mais uma interessante e sensacional informação:

«Por um ex-agente da Policia de Investigação, foi apresentada ao sr. dr. Teixeira Direito,

com indicação dos nomes das testemunhas, uma queixa contra o chefe José Francisco Xavier acusando o:

1.^o—De ter incitado á morte do sr. Ferreira do Amaral servindo-se, junto dos legionarios com quem convivia, da seguinte expressão — «Quando liquidam vocês o barbado?»

2.^o—De ter convidado alguns seus colegas para a organização de um atentado dinamitista contra o então director da policia, nosso querido amigo sr. dr. Crispiano da Fonseca.

3.^o—De ter recebido dinheiro de algumas casas de jogo».

O queixoso é o então agente Reis de Sousa hoje expulso daquela policia por faltas graves.

Aqui tem, pois, o sr. dr. Teixeira Direito, dois nomes para esclarecer o caso: Armando Martins e Reis Sousa.

A proposito: Teve algum andamento a queixa apresentada por este ultimo?

*

A todos os nossos colegas que manifestaram a sua solidariedade connosco perante um incidente ocorrido ha dias no *Italia*, afirmamos o nosso sincero agradecimento.

POR CORDEIS

O sr. Daniel Rodrigues Salgado, culpado de muitos males da Republica, o homem que maquinou o assalto á Casa Sindical, o cavalheiro que, com a Companhia dos Tabacos, fez um rainoso acordo para o Estado, cometeu nova façanha!

Explorando com o operariado da Companhia dos Tabacos, jogando com o seu receio da miseria, preparou promeditadamente a afrontosa manifestação das galarias aos parlamentares das oposições.

Durante dias, esse homem, duma incomensuravel insensibilidade politica que não pode deixar de corresponder a uma insensibilidade moral para registar, manteve-se no seu lugar de presidente da Camara, com um sorriso cinico, amarelo, parvo, perante as constantes provas de desconsideração evidenciadas pelo Parlamento.

Outro qualquer não se prestaria a tal.

O sr. Rodrigues não vale estas linhas. O sr. Rodrigues não foi mais do que um misero fantoche de cartão movido a cordeis que o sr. Silva pucha a, occulto, por de trás das cortinas do seu gabinete da presidencia do ministerio.



Alfredo da Silva e Antonio Centeno

Os grandes orientadores de dois «cambõesinhos» maganos

Nas mãos de um está a lavoura nacional.

Nas do outro, estão duas importantes empresas coloniais

Mil e um incidentes que foram até á perda ou roubo da pasta em que traziamos os graficos e os elementos referentes aos srs. Alfredo da Silva e Antonio Centeno retardaram a prometida publicação que hoje fazemos. Vêem os graficos?

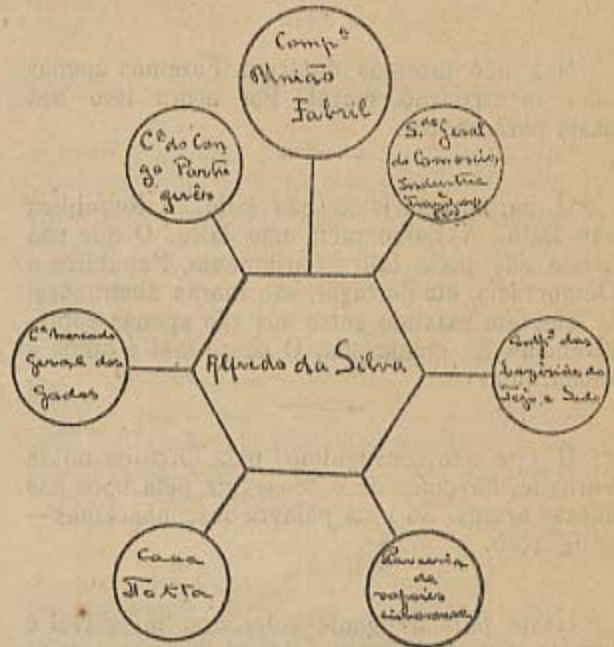
Facil é verificar o poder de Alfredo da Silva, figura misteriosa e desnacionalisada que, por detraz de certos homens publicos, vem exercendo a sua, por vezes, tantas vezes, terrivelmente nefasta acção para o país.

E' a União Fabril asfixiando a lavoura com os preços que bem lhe aprás estabelecer para os adubos; é a Companhia do Congo Portugues, Sociedade Geral de Comercio, Industria e Transportes, Comp.^a do Mercado Geral dos Gados, é — notem bem — a C.^a das Lezirias do Tejo e Sado, é a Casa Totta, a Parceria de Vapores Lisbonenses e são todas as mil e uma ligações com todos os outros cambões já publicados!

Este homem gordo e rico, inteligente e mau tem como principais acolitos, testas de ferro, uns arautos senhores cujos nomes o Povo deve decorar;

Inacio Ferrelra Marques, Francisco Pedro Pacheco, Reinaldo dos Santos, Marquês de Mendia, Nicolau O'Neill, Antonio Serrão Franco, Antonio Silva Gouveia e Augusto José Vieira

A União Fabril está ligada á casa Burnay e o cambão Alfredo da Silva liga se com o de Antonio Centeno pelo cordão rico da Comp.^a das Lezirias.



*

Em torno do sr. Centeno que vive rico, farto de bem estar e de automoveis para as bandas do Campo de Sant'Ana num palacio de principe, giram, nas empresas de que faz parte e figuram no nosso grafico, uns tantos outros comilõesitos cujos nomes não é de mais publicar para elucidação das gentes:

Elio de Melo Rego — na Comp.^a do Gaz e Electricidade, Comercio de Moçambique, Mutualidade Portuguesa, Lezirias etc.

Dr. João Arroio — no conselho de administração do Gaz e Electricidade e advogado do Nyassa.

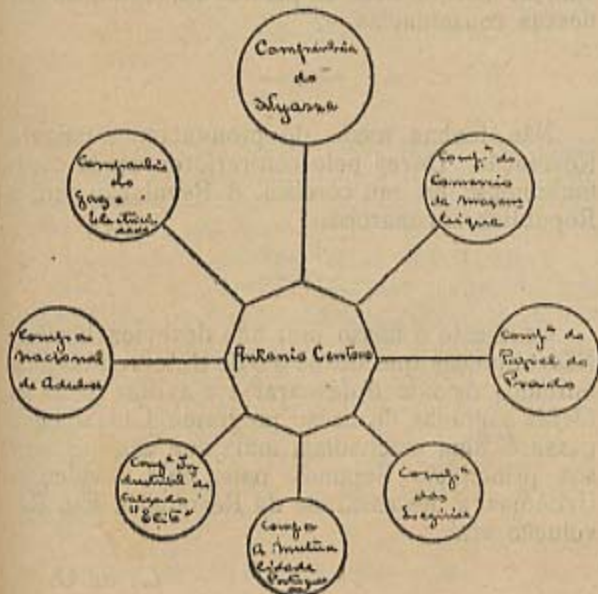
José Maria Alvarez — Nas Gaz e Electricidade e Mutualidade Portuguesa.

José Estanislau de Barros — da Comp.^a do Nyassa e da Comp.^a do Papel do Prado.

Outros comparsas conhecidos, que não é grande lança em África o saber-lhes os nomes:

João d'Azevedo Coutinho, Vitor Hugo d'Azevedo Coutinho, Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, Conde da Ponte, Conde de Carla, Miguel Horta e Costa, Luiz Antonio Pereira, José d'Assis Camilo...

Basta, por hoje.



MAXIMAS

que os republicanos das esquerdas não devem esquecer

Ser da esquerda é uma maneira de sermos republicanos outra vez.

Nós não fazemos doutrina. Fazemos apenas uma insurreição moral. Por agora isso nos basta para vencer.

O parlamentarismo não faliu. A Republica não faliu. A democracia não faliu. O que não existe não pode falir. Parlamento, Republica e Democracia, em Portugal, são meras abstrações. O que tem existido entre nós são apenas sobrevivências da monarquia. O nosso mal é ainda a monarquia.

O que não conseguimos pela força da nossa Verdade, havemos de o conseguir pela boca das nossas armas. Só uma palavra desconhecemos—resignação.

Neste país de gente sofredora, miserável e inculta, ser republicano é ter só deveres a cumprir. Tudo o que não seja trabalhar pelo povo é traír a Republica.

Criar um partido não basta. O que se torna necessario é criar uma moral nova e uma consciencia nova.

Quando aparecer entre nós um homem que traga para o nosso grémio as suas conveniências, devemos afasta-lo com desprezo... Seria malograr as nossas intenções.

A democracia tem de ser intolerante no sentido do cumprimento exacto dos seus principios. Sejamos intolerantes para realisar a Republica.

Devemos ser intolerantes com aqueles que não pensarem como nós, embora as suas intenções pareçam boas. Devemos considera-los como inimigos. Só reconhecemos uma formula — a nossa. Só temos uma moral—a nossa.

Somos um partido de ordem. Pois sim. Mas devemos ser primeiro um partido de rebeldes. Duma rebeldia inalteravel. A nossa attitude pe-

rante o actual regime deve ser de constante protesto. E' necessario que todos compreendam que isto não é Republica — e que a Republica somos nós.

Deves pensar assim: «Eu não quero nada. O povo é que precisa de tudo».

O uso da dinamite é um mal. Está bem. Mas pior mal é trazerem os politicos Portugal inteiro a saque...

A esquerda não é uma posição politica — é uma posição estrategica. E a nossa estrategia obedece a um unico grito de guerra:—fazer a Republica!

Nós devemos ser nós, e só nós. Não devemos aceitar alianças, nem acolher foragidos. O que nos pode salvar não é o acordo de bons e maus, mas só o acordo de bons. Sejamos uma barricada contra todos os outros.

Quando te falarem na necessidade de reconstruir, sorri. Primeiro é necessario destruir. Não aceitemos nada do que existe. Somos pela Revolução porque fizemos primeiro a revolução nas nossas consciencias...

Não tenhas medo de pronunciar a palavra Revolução. Deves pelo contrario escuta-la constantemente no teu cerebro. A Revolução será a Republica em marcha.

Se é este o nosso fim, não devemos hesitar. Não esqueças que desde o 5 de Outubro tens sido burlado. Andam a desonrar e a aviltar todas as ideias sagradas do nosso programa. Cada dia que passa é uma machadada mais que dão nos nossos principios. Sejamos, pois, pela Revolução. Gritémos a necessidade da Revolução. E a Revolução virá...

NO PORTO

O escandalo do Hospital de Bomfim

Falta de hygiene, falta de comida
e falta de carinhos

Um cão indicador fiel das voltas que a pomba dá

Prometiamos nós, no ultimo numero d'*A Choldra* tratar do Hospital de Bomfim no Porto. Vamos fazer lo.

Da razão e justesa do que vamos escrever melhor as apreciaria quem, lançados afazeres de banda, se fosse até á Capital do norte em visita á miseria de hygiene, de cuidados e de direcção que é aquele hospital onde uma dezena de vidas se vai estiolando pouco a pouco, algumas morrendo mais da cura do que da doença, emquanto os empregados, ás ordens de um director falho de sciencia e de consciencia, lhe atiram á cara constantemente, e como esmola, a hospitalidade que o Estado, a Sociedade, no cumprimento de um dever, lhe dá.

Quem visitasse esse hospital onde um director sem alma nem coração, para extinguir um deficit, outra forma melhor não encontra do que não alimentar os seus doentes, por certo exclamaria como o velho jornalista Guedes d'Oliveira ao deparar tal vergonha e tal tristeza: «Que horror!»

E porque, mais livre do que qualquer tribuna livre das colunas do *Primeiro de Janeiro*, o seu coração não poderia conter mais as palavras de protesto, viria, como nós vimos, dizer ao país, dizer, ao governo, dizer aos medicos da nossa terra que, no *Hospital de Bomfim*, no Porto, são preferidos os doentes que lá vão... «para morrer!»

Diria, se conhecesse como nós conhecemos o conceito que do dr. Alvaro Pimenta fazem alguns medicos, que o director daquele hospital é como medico um ignorante, e como homem uma pessoa de quem poucas outras dizem bem.

Sim! Se soubesse, como nós sabemos, que no Bomfim, na mesma enfermaria, se misturam leprosos com atacados de febre tifoide, broncopneumonias, meningites e tuberculosos, viria gritar o seu horror por tal crime e viria perguntar como tal é possivel succeder num hospital do Estado, o unico do Norte que certa imprensa, por fraterna amizade, não se pejou de afirmar ser honra para o país!

Perguntaria—quem visitasse o hospital e com os doentes falasse e os ouvisse—como é possi-

vel conhecer sem revolta, sem dor e sem o procurar remediar que, num hospital onde estão tuberculosos se passa fome e como primeira refeição, se lhe forneça *ds 16 horas* o opiparo banquete de uma chavena de mau café tinto de fraco leite!

Possivel é que lhe respondessem ter o hospital *deficit* e, consequentemente, andar minguado de recursos.

Mas que poucos recursos são esses que, não chegando para sustentar uma media de 12 doentes, chegam para sustentar 33 empregados e um director incompetente!?

Mas fosse o director competente, tivesse ele ao menos, quando não competencia, um pouco de alma no corpo e de miolos onde só parece ter farelo mal moído, que não faltariam recursos ao Hospital de Bomfim mesmo quando lhe faltasse os do Estado.

Lembremo-nos da obra que, por sua propria iniciativa, estão executando em Lisboa alguns directores de enfermaria nos hospitais de S. José, Santa Marta e Desterro depois de terem apelado para a bolsa dos particulares.

O que em Lisboa se faz com algum custo, seria no Porto, com a sua população tão nobre, tão orgulhosa da sua generosidade, tão sempre pronta a bem fazer, obra facil que só dependeria de dois artiguelhos no *Primeiro de Janeiro* onde o sr. dr. Alvaro Pimenta tem amizades que, não servindo para fazer bem aos doentes, serviram, no entanto, para occultar seus queixumes e suas miserias quando eles, revoltados, em carta se lhe dirigiram a pedir que lhes valessem contra um medico que, por eles, não olhava nem por palavras nem por actos!

Bem pequeno seria pois o esforço necessario para colher todos os anos alguns contos de reis que servissem para dar melhor alimentação aos desgraçados que o Estado tão mal confiou á guarda do sr. dr. Pimenta.

Bem pouco seria preciso para que, por falta de decentes colchões, não mais se tornassem a vincar, nos corpos magros dos infelizes, os ferros duros e frios das camas para onde a doença os atirou!

TUTORIAS DA INFANCIA

OLHEMOS PELAS CRIANÇAS!

Uma tese do sr. dr. Pedro de Castro discutida e aprovada pelo Congresso da Esquerda Democratica

Dentro das possibilidades marcadas pela estreiteza de espaço de que dispomos, iremos publicando, sem desnecessarias palavras de elogio, mas com o util intuito de facilitar a apreciação e interesse do Povo sobre elas, as teses lidas e aprovadas no ultimo congresso da Esquerda Democratica. Publicamos a tese do sr. dr. José Domingues dos Santos; publicamos hoje a do sr. dr. Pedro de Castro, antigo ministro da Justiça,

«Reconheceram os legisladores dos povos civilizados que as crianças delinquentes não mereciam uma repressão violenta com estadlos nas cadeias comuns em obediencia aos preceitos das leis penais, mas eram dignas de piedade e educação, e que melhor seria prevenir do que remediar os males que proceem do meio em que vivem, e da hereditariedade de que são portadoras e vítimas Para realizar essa obra de verdadeira profilaxia social, criaram-se e difundiram-se largamente tribunais especiais essencialmente de equidade, cujas decisões são sempre norteadas pelos interesses e defesa das crianças. Em Portugal institui-os o decreto lei de 27 de Maio de 1911 sob a denominação — *Tutoria da Infancia* —, conferindo-lhes latas atribuições não só quanto ao exame de todas as questões relativas á classificação e medidas adequadas á situação dos menores em perigo moral, e anormais patológicos; mas ainda a respeito de seus pais ou tutores, e de quaisquer pessoas que se mostram causadores dos males de que resultou ou possa resultar, a perversão e crimes dos menores, ou que comprometam a sua vida e saúde. Estes Tribunais estão hoje instalados em todas as comarcas.

Em verdade, a legislação respeitante a este momentoso assunto, publicada desde a proclamação da Republica, demonstra um grande avanço sobre a dos outros países, e ficará perfeita quando escrupulosamente *codificada e expungida* dos defeitos de tecnica de que infelizmente enfermam quasi todos os diplomas e muitos são—devido talvez á pressa com que foram redigidos para deixar fugir a oportunidade que as circunstancias depararam ao poder executivo de fazer a sua publicação. E se os resultados praticos não lhe tem correspondido completamente, é isso sómen-

Bem pouco seria necessario para substituir por autenticos assucareiros os embrulhinhos de papel de jornal onde os empregados do hospital fornecem aos doentes o assucar negro com que eles adoçam o tal mau café tinto de fraco leite!

Bem pouco, sr. dr. Pimenta, seria necessario fazer para que os seus doentes, em vez de receberem de V. Ex.^a palavras de censura por se queixarem, recebessem algumas comodidades que os mais rudimentares principios de consciencia exigem que lhes deem!

E se, mesmo com esse esforço, nada se conseguisse, tinha o sr. dr. Pimenta ou qualquer outro director um caminho unico, nobre, conforme com a dignidade da sua profissão: o aban-

te devido á falta de efectivação de meios economicos, embora assegurados em diplomas reveladores de *uma habil e alta visão politica*

Realmente os *Reformatórios e Colonias Correccionals* para ambos os sexos, são em numero insufficiente, e por isso, as suas populações não obedecem a uma criteriosa e scientifica selecção tendo em vista além do mais, as aptidões profissionais reveladas pelos menores que lhes são destinados. Não se instalou ainda, infelizmente, o *Instituto Medico Pedagogico*, de maneira que os menores anormais vivem nos *Refúgios*, nos *Reformatórios* e nas *Colonias Correccionals*, em promiscuidade com os demais internados, o que importa quasi sempre, o agravamento da sua doença, e constitui um perigo permanente para os outros que facilmente o podem adquirir por sugestão. E tambem não ha onde recolher separadamente, os menores *atrazados* que necessitam dum tratamento especial para despertar o seu desenvolvimento intelectual.

Sem se sanarem estas grandes faltas, o meio social não sentirá eficazmente os altissimos beneficios das leis sobre protecção a menores sob a alçada das *tutorias da infancia*; isto é, torna-se indispensavel que á letra e espirito da lei, corresponda a excellencia da sua execução.

A *Esquerda Democratica*, fiel ao seu programa impulsioneer da evolução e aperfeiçoamento social, impõe-se o dever de olhar esse grande problema com carinho e atenção, contribuindo assim para que desapareçam ou se modifiquem sensivelmente, algumas das causas perturbadoras da vida da sociedade portuguesa, e nesse intuito o seu 1.^o Congresso emite os seguintes votos:

- 1.^o — Que se codifique toda a legislação sobre protecção aos menores sob a alçada das *tutorias da infancia*, codificando-a em ordem a dar-lhe unidade, simplicidade, rigor tecnico de redacção, e a manter íntegra a hierarquia judicial e do Ministerio Publico;
- 2.^o — Que se instalem mais *Reformatórios e Colonias Correccionals* para menores de ambos os sexos, adoptando-se o sistema Belga, de pavilhões para pequenas colonias e com vida autonoma;
- 3.^o — Que se criem dois *Reformatórios*, um no Sul e outro no Norte do País, com o fim especial de recolher e educar os *filhos de pescadores e marlinhos* e ainda outros menores que revelem aptidões para a vida do mar;
- 4.^o — Que se escolha edificio apropriado onde possa funcionar o *Instituto Medico-Pedagogico*, tendo anexo mas independente, um pavilhão destinado a menores *atrazados*.

donar o seu lugar por falta de elementos para bem cumprir o seu dever!

Mas nós sabemos que o sr. dr. Pimenta o não fará.

Onde poderia ele deixar o singular, pequenino e branco cão *Lulu* que esta no hospital quando não estão as pombas, e dele foge quando de regresso veem?...

O Porto, por seu mal, está transformado em pimenta.

*Pimenteira que dás «Pimentas»
Porque não dás coisa bôa?*

O Divino Redentor em Coimbra

Os Camisas Negras rendem culto e afirmam
a sua fidelidade ao seu super-chefe,

O Rabi do Alcaide, salvador da Pátria

Quando se annunciou a ida do sr. Cunha Leal a Coimbra, na sua cruzada de pregar a salvação nacional, foi naquela cidade distribuido um manifesto que causou sensação. Assinava-o o grupo Universitario dos Camisas Negras e intitulava-se gloria in excelsis! Como a distribuição desse manifesto não saiu da periferia daquela cidade, muitos leitores de A Choldra, entendendo que esse manifesto merece ser do conhecimento do país, empenharam-se pela sua reprodução nas paginas de A Choldra. Satisfazendo gostosamente o desejo desses nossos amigos, aqui estampamos o interessante, jogoso e simultaneamente violento, manifesto, certos de que os que o não conheciam nos agradecerão o gozo que lhes proporcionamos.

Há momentos em que, qualquer que seja a atitude do corpo, a alma está de joelhos... Com estas palavras exprimia o grande Hugo o deslumbramento do primeiro amor e não há frase que melhor traduza o estado de nossas almas ao sabermos de vinda de S. Ex.^a, o Sr. Cunha Leal a Coimbra, na cruzada que anda prégando da salvação da pátria.

Sentimo-nos—admiradores incondicionais que somos do seu génio—como os namorados ante suas belas, fasciados, em êxtase, com mysticas alucinações e arroubos celestiais.

E' então certo? ¿Vamos tê-lo em carne e ôsso em Coimbra? ¿E as pedras das calçadas não se levantam como sob o impulso dum abalo scismico para se transformarem em flores e O cobrirem dum manto primaveril? ¿E o Mondego não pára, não se que queda, reprêso, para inundar a Baixa num lago bíblico de leite e mel? ¿A velha Torre da Universidade não se arranca dos fundamentos para ir com a cabra, o cabrão e os demais sinos saudá-lo á Estação Velha quando o comboio desemb. car da ponte?

¿O clero, a nobreza e o povo não se reúnem já para delegarem embaixadas que desde Lisboa acompanhem o Salvador da Pátria entre cânticos de louvor e incensos votivos?

! Mas então já não há alma em Coimbra!

¿Os poetas não afinam as liras? ¿Os policias não afinam os sabres e não preparam os apitos para os tangerem como frautas pastoris á passagem do Prócere? ¿A Ursa Maior ainda não demonstrou desejos de descer á Terra para beijar S. Ex.^a na frente?

Que horror!

Salvemos a honra de Coimbra! Sejamos os primeiros a dar o grito forte de: 'Alerta que S. Ex.^a ai vem!

Despertemos os apáticos, acordemos os que dormem, enchamos Coimbra de lés a lés com as nossas hossanas ao **Rabi do Alcaide**. Demonstramos que ainda há peitos generosos em

que os grandes sentimentos se abrigam, em que a vil inveja não medra onde pode firmar-se como um pedestal glorioso a figura imarcessivel do **Herói nacional**.

E' que ainda nos soam aos ouvidos, em música celeste, as palavras enérgicas, fortes como trovões, flamejantes como gládios de arcanjos, com que S. Ex.^a prometeu, do alto da tribuna do Teatro Nacional, salvar a Pátria brevemente:—**Hei de salvar a pátria!... Hei de salvar a pátria!... Hei de salvar a pátria!...**

Não somos dos que enfiam ao pescoço a coleira da Constituição da Republica, dos que ainda calçam a bota de elástico das doutrinas democraticas. Queremos um Homem um **Super-Homem**, um Chefe, um **Super-Chefe** que nos salve mesmo contra nossa vontade, como as mããs fazem ingorgitar aos pimpolhos recalcitrantes e anémicos a bendita Emulsão de Scott.

Corre a salvar-nos Cunha Leal! Vem, desce a êste lameiro corrupto em que chafurdamos,—rãs abjectas do materialismo—oh! **Rei Excelso de Puresa e do Bem, Incorruptivel, belo como Apolo, cándido como um cordeiro pascal, forte como leão do Atlas, altivo como a Serra Morena**, e ensina-nos por caridade, dá-nos o pão do espirito que nós Te daremos o pão do corpo, Comove-te, oh! **Sumo Sacerdote**, não nos deixes na noite caliginosa da nossa estupidês e da nossa miséria. Nós não sômos dos que te não adoram, dos perversos heréticos que teimam em aceitar as doutrinas infernais da Liberdade; não sômos dos *pintainhos de Rousseau*, que ainda sonham com a dignidade humana e com a Razão.

Nós somos os Lázarus pecadores, que aos Teus pés, constrictos, afirmamos desejar a tua benção e um ar da Tua Graça que nos purifique para sempre. Nós sômos dos que acreditam na *Tua palavra de honra*; temos a fé cega dos ver-

dadeiros crentes, e, se Tu no-lo disseres uma só vez que seja acreditamos que o Banco Ultramarino é o Calvário onde foste morrer por nossos pecados, ou a caverna onde — novo **Profeta Daniel** — afrontaste os leões da Finança para os transformares em cachorrinhos que te lambem as mãos.

Nós conhecemos a historia do Teu martírio, a sublime ascensão do Teu espirito para a verdade eterna, conseguida á custa de muitas mortificações da carne, que Tu desprezas e cilicias como é público e notório. Ao pé dos Teus jejuns e macerações, ¿ que é da glória de Papuss e da tradicional resistência dos camelos do Deserto?

Sim, **Senhor Supremo!** ¿ Que és tu senão um sublime camêlo, que, atraves do deserto das privações inumanas, roendo o cardo ingrato e calcando a areia adusta, nos vens trazer sôbre a corcova gloriosa os sagrados papiros em que aprenderemos o segredo da Vida e da Morte. ¿ Não és também, Tu, quem, pela noite morta, com pé seguro e ligeiro experimentas as nossas portas para te certificares de que o nosso sono decorre tranqüilo sob a Tua vigilância infatigável e gratuita?

¿ Que seria da Moral e da Honra neste pais de ladrões e farçantes, se Tu as não tivesses guardado a sete chaves e em tão recôndito sítio que so os Teus fiéis sabem onde as escondes? ¿ Como calaríamos — **Senhor!** — o nosso delirante entusiasmo? ! Não teríamos descanso, nem de noite nem de dia, se tal injustiça cometêssemos ou deixássemos cometer!

Não. Esta fôlha de papel dirá aos vindouros, que houve em Coimbra no ano da graça de 1926, quem soubesse receber-Te condignamente e condignamente entoar o Teu louvor.

Perdoa-nos a imodéstia, oh **Grande Em Tudo!**; mas se Tu és Grande, nós saberemos ser suficientemente pequenos para que a Tua Grandeza brilhe mais.

Se houver em Coimbra quem ouse perturbar o dilúvio purificador da Tua eloquência, sabe que o fulminaremos de excomunhão como a homem de baixos instintos, independente e feroz.

Consta-nos realmente que há, por mal nosso, dentro dos muros da Lusa-Atenas quem Te considere menos que ao José do Telhado, de ruím memória; quem Te creia mais nefasto do que as bexigas e o tifo, mais corrupto do que um Pácha da velha Turquia, mais intrujão do que duas dúzias de charlatães de feira, mais venal do que um juiz marroquino, mais egocentrista do que uma roda dum moínho, mais vingativo do que um *al fieri* corso; mas, oh **Génio das Alturas!**, nós sabemos também quanto pode a inveja dos que não teem como Tu sacrificado os mais sagrados interesses pessoais ao interesse da Grei, para maior glória e proveito dela — e só dela!...

Nós sabemos que há em Coimbra homens

— merecem esse nome? — que teem da virtude uma noção arcaica e terra-a-terra, que não são capazes de tirar aos outros nem sequer o ar que respiram; mas que são tão estúpidos que nunca dirigiram o *Século* por amor do povo, para mais com o sacrificio que Tu fizeste, de aceitar por isso alguns contos de reis. Esses são uns parvos que desejam a ruina do Comércio e da Indústria, pois clamam por mais justiça e mais pão para o povo, para o povo que nós sabemos precisar apenas de freio e boas palavras.

Há em Coimbra idiotas que desejariam ver a República amada e respeitada pelos que suam para ganhar o pão de cada dia, quando nós sabemos, como Tu, que a necessidade é de manter a Ordem e açaimar o Racionalismo, que Te desvairou em tempos e que perdeu a geração passada, desde o insignificante Eça de Queiroz ao estupidíssimo Oliveira Martins. Há aqui patetas que desejariam ver reformado todo o sistema de educação em Portugal e criada uma mentalidade nova a este povo, quando o que êle precisa é de mão-de-rédea e espora, muita firmeza de pulso no comando e chouto segura e compassado.

Não Te ofenda, **Senhor!** o ousio desses tais. Lembra-Te de nós, dos que Te admiramos e queremos, que somos inumeráveis como as areias do mar e submissos como os carneiros de Panúrgio.

Corre, sê deligente e ágil! Aqui, nesta cidade gloriosa, á sombra da velha Universidade de que foste **Sapientissimo Reitor** por algum tempo, (¿ quando teremos o prazer de ver a tua effigie, a óleo, ao lado da de D. Francisco de Lemos — o bispo reformador, da do Visconde de Seabra, das de Guilherme Moreira, Manuel de Arriaga, Daniel de Matos, eclipsando êsses pigmeus?), aqui Te serão impostos os louros da vitória e Te será dado o bastão do comando supremo ao som das trombetas e dos bravos. Temos disso a certeza!

Os teus contraditores sumir-se-hão nas profundas do antro de Belzebut e Tu reinarás em tôda a Tua Gloria.

Alguns telegramas que insirimos em *post-scriptum* e que agora nos chegam ás mãos para que Tos transmitamos, são o seguro penhor de que vencerás. Também nos consola a certeza de que vamos ver aos Teus ombros, aposta por mão trémula de admirador jovem, a sagrada capa académica — lábaro de generosidade e galhardia que envergaram tantos dos que em Portugal foram grandes pela virtude e pelo talento.

É-nos gratissimo saber que o mesmo farrapo negro que aos ombros de Antero foi simbolo de coragem de espirito, de mocidade e de beleza, vai emfim envolver um **Homem** que pelo seu passado excede a capacidade da História de Portugal e é hoje o **Legitimo Representante da Virtude Portuguesa**, á face do mundo e das estrélas!

TELEGRAMAS

¿Que seria de nós se Cunha Leal não viesse reabilitar a capa coimbrã, cingindo-a ás possantes espáduas—colunas de Hércules onde repousa o futuro da cultura portuguesa?

Ah! Não poderem ressuscitar todos, de Camões a Junqueiro!, todos os que por Coimbra acalentaram um sonho ou serviram uma ideia, para verem enfim a capa académica como um *zainph* sagrado cobrindo a arca do peito do Idealista mais honrado e genial do Mundo, desde os tempos remotos em que Adão, nosso pai, ainda não furtara a maçã da Arvore da Sciência.

Terminemos, **Senhor!** que esta vai longa! Cumprimos o nosso dever; fomos até onde nos chegou o engenho e a arte. Aderimos ao Teu glorioso partido, em massa, com lágrimas de comoção intensa. Seremos soldados fiéis e prontos a seguir-Te para toda a parte, levando-Te o escudo e as armas.

Assim, como tudo está cumprido, só nos dói a vulgaridade pelintra da penna com que escrevemos a tinta barata estas pobres linhas. Era em oiro, em fino oiro de lei, que os nossos corações inflamados desejariam expressar-Te a riqueza dos nossos sentimentos. Só o oiro, só esse nobre e scintilante metal é digno do Teu génio excelso; só elle, na verdade, não desmerecerá da áurea fama que Te cerca.

GRUPO UNIVERSITARIO DOS CAMIZAS NEGRAS

Crimes e violencias

Que ha? O que se prepara?

O sr. Antonio Maria da Silva, ilegalmente, abusivamente, tem ordenado a apreensão de telegramas que, para os jornais, nem tem sido enviados comunicando este facto! Com que direito?

O chefe do governo traz na sua mente uma criminoso violencia que já exteriorisou junto de alguns correlegionarios. Uma violencia com a qual pretende atingir as Juntas de Freguesia esses dignos, honrados e nobres, organismos populares. No ministerio do Interior pensa-se em dissolver as Juntas de Freguesia sob o falso pretexto de que, nas suas sedes, se estão realisando reuniões politicas!

Aqui deixamos o aviso. Preparem-se para reagir!

Que escandalo, que crime estará para surgir da banda do nosso Arsenal do Exercito? Fala-se ai em adjudicações ilegais, em munições sabotadas.

Que haverá?

Sigo Portugal na Arca, Minha adesão ideais V. Ex.ª—Noé

Envio correio meia coroa de louros.—Julio César.

A' altura minha morte só vida V. Ex. — Judas Iscariote.

Acabo ressuscitar para escrever biografia grande chefe U. L. R.—Plutarco.

Allah é grande. Eu e Leal somos unicos Profetas.—Mahomet.

Peço aceite meu voto proximas eleições — Carlos Magno.

Fundei-o. Afundam-no. Salva-o, Heroi Irmão!—D. Afonso Henriques.

Tenho prazer ter iniciado navegações tornaram possível honrosa vice presidencia V. Ex. Banco Ultramarino.—Infante D. Henrique.

«Lustadas» ao pé artigo fundo de «Á Noite» são cacarejar galinha chocas,—Camões

Já não volto manhã nevoeiro. V. Ex.ª basta —D. Sebastião, o Desejado.

Cunha, alista-ne soldado raso.—Napoleão.

Etc., etc., etc., etc., etc.

BARROS QUEIROZ

Republicanos como somos, curvamo-nos, comovidos, perante o tumulo do republicano que desapareceu.

A morte de tantos republicanos do tempo da propaganda, só confirma mais fortemente a convicção de que aos novos compete tomar lugar nas primeiras filas do combate, sem hesitações nem tibiasas.

Cafo mais um soldado, descubramo-nos, e... adiante que a Republica está em perigo!

EM NOSSA CASA

Estiveram na nossa redacção a cumprimentar-nos, gentileza que agradecemos, os nossos amigos sr. Augusto Mondina de Faria, do Porto e Francisco Marques Coelho, de Arraiolos.

A este ultimo nos ligam gratas recordações; alegria grande foi, pois, o poder-lo apertar contra o nosso coração. Que voltem.

DA VIDA MENTAL

«A Paineleida» por Alfredo França

Esse dize-tu-direi-eu dos painéis, bisantino e comico, tinha que dar um quadro de revista-do-ano ou um poema. Deu já o poema, um belo poema satirico, punhado de versos com graça, que Alfredo França escreveu e Francisco Valença e Alfredo Candido ilustraram.

A sátira é ainda dos mais obres empregos da poesia. Escrever banalidades ou abstruzos conceitos em verso o mesmo é que escreve-los em prosa. Ter espirito, apesar do metro e da rima, — essas gargalheirss do pensamento — é muito para considerar.

Na prosa o trocadilho, o duplo sentido, a ironia e o sarcasmo tem mil e uma maneiras de se realizarem. Na poesia o ritmo da frase a consonancia necessaria das palavras traem muitas vezes a intenção hilare do conceito. Daí as dificuldades tecnicas que o poeta satirico encontra e por elas a raridade de quem trate o genero.

Alfredo França conseguiu levar o seu riso claro de espectador inteligente a essa querela entre os que se batiam por S. Vicente e os que eram pelo Infante ou por... Catarina.

Na cripta onde sacrificam os arqueologos deveria soar como uma heresia a sátira elegante do poeta. Nenhum dos visados, porém por certo, se magoou mais do que cumpre a um bom arqueologo que se prese, pois Alfredo França é um perfeito cavalheiro e, beliscando embora vaidadezinhas ridiculas, não afrontou nenhum dos graves criticos e investigadores que pertencem à mesnada do Infante, à confraria do Santo ou à privança de... Catarina.

Do bom humor de poetas como Alfredo França é que as nossas letras precisam, para não daraem como dão o aspecto funebre dos «sepulcros caiados».

«Verbo Ser e Verbo Amar» por Antonio Correia de Oliveira

Esta ideia dos «sepulcros caiados» avivou-se-nos mais com a leitura dum livro que cheira a cadaver — o poema biblico sobre a criação, a queda e a redenção do genero humano, que o sr. Antonio Correia de Oliveira compôs para desbancar Milton no pensamento e Dante na

forma. «Os sepulcros caiados» são os tercetos de perfeita tecnica em que o poeta vasou a ideia morta.

«Verbo ser e verbo amar», um titulo que traduz vida, é uma traição ao leitor desprevenido, o «pio leitor» de todas as sensaborias.

O poema religioso do sr. Correia de Oliveira é a Biblia rimada, trabalho de paciencia, que a critica preconceituosa e reverente classificará de certo de genial. Em nosso juizo de «pés-frescos» é simplesmente uma massada, para o autor que o compôs, e para leitor incauto que penetre naquela floresta lirico-toologica, disposto a ir até ao fim.

A esse aqui lhe deixamos a prevenção. Não leia a obra, como nós, por desgraça nossa, fizemos. Se é «jovem-catolico», «cruzado», «irmão do Senhor dos Passos» ou coisa que o valha, compre o livro, aliás excelente quanto ao papel e ao trabalho grafico, e fale deles às «Filhas de Maria» das suas relações, exaltando-lhe os méritos. Não o leia, porém, salvo se podece de in-sónias, que então deve tê-lo na mēsa de cabeceira, como soporifero...

«Meus Vicios» por Beatriz Delgado

Outra modalidade da literatura para lêr na cama é a de que o livro de versos «Meus Vicios» é o simbolo. A sua autora a Sr.^a D. Beatriz Delgado julga ingenuamente que espanta o burguez pondo em verso côxo os seus entretimentos de «pagã». Não espanta nada, que o burguez sabe aquilo tudo de côr e salteado, que os aprendeu nos... nas... ora, nos mesmos lugares onde o aprendeu a Sr.^a D. Beatriz Delgado.

Aquilo que a poetisa escreve nem chega a ser imoral, como ela supõe, e só será «pagão» no sentido de infantil. As impressões que a Sr.^a D. Beatriz Delgado realiza em estilo impressionista, não impressionam ninguem e o que julga ser os seus «vicios» são misticos folguedos de colegiais, que os olhos mais pudicos podiam contemplar gozozos.

¿Então a gente acredita lá que o vicio de «pecar» se resume àquella quadra, tam pequenina e escurreita, em que entra o «meu José»? A pecar assim, tam pouco e tam mal, ainda acaba a Sr.^a D. Beatriz Delgado por ser canonizada.

Pois o certo é que de «Meus Vicios» já se fizeram duas edições, o que significa que já muita gente tem livro, mas note a Sr.^a D. Beatriz Del-

NOTAS IRREVERENTES

O inspector dos serviços de fiscalização da Bolsa Agrícola, andou por aí, durante dias, a mostrar a toda a gente um requerimento em que pedia a demissão do seu cargo, ao mesmo tempo que fazia as mais graves acusações ao Ministro da Agricultura e aos membros do conselho de administração da referida Bolsa. Quis até tratar de varios casos que reputava escandalosos, nas colunas dos jornais e numa sessão publica. Como até agora ainda não fez qualquer das coisas que anunciava, ocorre-nos perguntar:

Concertaram-se as partes?

*

Foi muito notada na Camara dos Deputados a fraternal camaradagem dos srs. Amancio de Alpoim e Agatão Lança.

Teria o sr. Lança reconsiderado e pediria desculpa ao sr. Alpoim pelas graves acusações que lhe fazia? Ou teria sido o sr. Alpoim que, sentindo-se tocado, se aproximaria do sr. Lança a fim de não continuar?

*

Ha quem pergunte, porque é que, sendo o sr. Agatão Lança um extrenuo defensor do B. N. U. e o sr. Amancio de Alpoim um encarnizado inimigo, se encontrem tão unidos nesta questão dos tabacos?

Os extremos tocam-se!

*

De quando em vez, aparecem-nos uns egotistas afirmando que devem ser tratados por uma forma especial e excepcional, acrescentando: porque eu... isto, eu... aquilo.

Ora bolas! Lembrem-se que, só por nós, é que ainda podem dizer: Eu...

*

Chacun a sa place, é conceito que nem toda

a gente percebe, e é necessario que percebam, para se não prestarem ao ridiculo, e até para não prejudicarem o bom nome da colectividade. Para isso basta que tenhamos sempre presente este outro conceito bem português: «Nem tudo é para todos, nem todos são para tudo.»

*

Ha idiotas que tendo nascido para capachos, não compreendem a irreverencia dos seus concidadãos, e como na vida só ocupam determinadas posições, por calculo, não encontram outra explicação, para os que de maneira diferente procedem e tem procedido, que não seja o de despeita. Pobres idiotas!

*

Desola-nos verificar que ha uma tão grande falta de coragem moral, que nos obriga a deter-nos um pouco sobre o conceito que faziamos de determinados caracteres.

Ha pessoas que tendo andado a queixar-se de outras, uma vez na sua presença, não só não confirmam essas queixas, como as negam. Outras, abusando da lealdade de velhos amigos, deixam pesar sobre eles responsabilidades que lhes não cabem inteiramente.

Que tristeza!

*

Andam sempre os verdadeiros republicanos a queixarem-se de serem preteridos pelos videirinhos, quer nas suas aspirações pessoais, quer nas suas aspirações politicas.

Nada tem de se queixar. São eles os unicos culpados, acarinhando o primeiro adventicio que chega e hostilizando os republicanos de sempre e seus companheiros de luta em horas dificeis.

Sua alma, sua palma!

J. P.

gado que muita mais merece tê-lo, por isso lho aconselhamos que faça mais.

E agora por livros e por senhoras, anuncia-se para breve um livro de versos que uma senhora escreveu Nua.

A respeito d'esse será pleonastico dizer á autora que se vá despir.

Acção Republicana

Para desmentir ou antes, para combater a propaganda reacionaria entre os rapazes das escolas, um grupo de estudantes do Porto iniciou a publicação dum quinzenário «Acção Republicana», que representa um nobre grito de protesto, face á corrupção do existente. Redigida com elevação, com ideias e não só com palavras, a revista diz no seu programa que: «Defende e quer: as doutrinas democraticas claramente sintetizadas na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão; uma republica nacionalista de tendencias progressivamente descentralisadoras, orientando a Nação para melhores

destinos e procurando resolver as questões sociais no sentido duma Justiça cada vez mais ampla; o Parlamento como representante da vontade e da intelligencia da Nação, a formação de *elites* pela Universidade, que não estando divorciada da Nação, acompanhe a cultura universal

Este programa, que é uma notabilissima afirmação de fé nas virtudes da Democracia, representa muita coragem moral e muita independencia intelectual, no momento em que os mestres nas catedras e grande parte da Academia nas Juventudes Catholicas apregõam o retrocesso, a reacção e o ultramontanismo.

O corpo directivo do prometedor quinzenario é constituído pelos estudantes: Alvaro Ribeiro, Casais Monteiro, Horacio Cunha, Luiz Guedes de Oliveira, Marques dos Santos e Viriato Gonçalves.

Pelo seu grito de fé, pela sua lucida visão dos problemas, pela sua ansia de dar prestigio mental á ideia da democracia, pelo seu nobre desassombro, — d'aqui saudamos a «Acção Republicana», como uma segura garantia dum futuro melhor do que o presente.

Um homem de principios

—Sr. Januario!... Deixe-se disso... Pense na sua vida, e vá... O senhor não pode andar assim mais tempo...

Ele ficava silencioso, baixava a cabeça e meditava no triste destino reservado a suas filhas, tão cruelmente sacrificadas ao seu ideal politico. Pobres raparigas! Ele esquecer-se delas, afirara-as para um plano secundario de afecto, porque todo o seu amor, toda a veemencia da sua ternura vibrava somente para a sagrada deza dos seus principios.

—Mas o senhor Januario não pode viver assim, dizem-lhe os vizinhos. Daqui a pouco as suas filhas não podem sair á rua, porque não tem que vestir... Cada um tem as suas ideias... O senhor pode ser um grande republicano. Ninguém lhe tira esse direito, mas em primeiro lugar, sr. Januario, está a familia.

Ele fingia emendar-se. A's vezes desprendia-se de seus olhos tristes, uma lagrima, mas acabava sempre por fitar, melancolico, uma oleografia, onde uma mulher de barrete frigio lhe recordava as horas de fé e de luta, as horas mais sagradas da sua vida, dedicadas áquilo a que ele chamava os elevados principios de todo o grande e sincero republicano.

—Mas o senhor não pode deixar morrer as suas filhas... Veja como elas andam.

Então ele não pde mais e decidiu-se. Aceitou uma carta de apresentação para um senhor doutor que tinha muita influencia, que obtinha tudo quanto queria, dentro da republica.

—Eu vou!... Vou por causa das minhas filhas... Mas o senhor na carta não diz que eu sou republicano... Podiam saber que eu queria alguma coisa do regime...

—Vá descansado, homem. Eu peço aqui, apenas um emprego para uma pessoa de bem, que precisa de sustentar a sua casa. Vá lá ter com o homem que ele arranja-lhe isso. Demais, ha tres vagas e você não é exigente... De resto, você se está inutilizado, se tem tido dificuldade em arranjar a sua vida, deve-o á republica, porque você deu-lhe tudo... Deixe-se lá de coisas e vá...

Humildemente ele foi com a carta, muito escondida como se levasse consigo as provas de um grande crime. Procurou no escritorio de uma grande companhia, o homem que lhe diziam ser um grande republicano, um homem que pelo seu prestigio, dispunha de tudo dentro do regime.

Então viu-se diante de um sujeito de modos bruscos, de um homem que com o seu bojudo abdome quasi não o deixou aproximar-se para completar o que faltava na carta de recomendação. Nunca viu esse homem nos tempos agitados e perigosos da propaganda. Nunca ouvira falar dele, quando o regime corria perigo... Nunca...

Terminou as suas reflexões porque sentiu a sua mão no ombro, e a seguir:

—Sabe, eu vou ser franco com o meu amigo, porque a pessoa que o recomenda, merece-me toda a consideração e terei muito prazer em lhe ser agradável... O senhor sabe que nos nossos tempos, quando se trata de empregos de colocação seja de quem for, se faz questão das ideias politicas que essa pessoa professa. Pois pense nisso, e venha cá para a semana...

O sr. Januario encontrou-se na rua sem saber como. Fez todo o caminho até chegar a casa, automaticamente obcecado, por esta interrogação:

—Mas que quererá o urso dizer com isto? «É preciso ter em conta as ideias politicas de uma pessoa que solicita um emprego»...

«Diabo! Julgaria o homem que ele era monarchico. Devia ser isso. Se não se conheceram, se não se lembraram um do outro, e ambos eram republicanos... Está certo... O homem suspeitou que ele era monarchico. Não havia duvida... E esta?

E o sr. Januario, já que tinha dado aquele passo, não teve outro remedio senão transigrir em ligar á ideia de um emprego, as suas convicções politicas.

—Sim senhor!... Quanto a ideias, deixe-me dizer a vocelencia. Sou republicano... um vosso correfligionario... Eu estive...

O outro fez uma careta e enfiou os dedos nas cavas do colete... O sr. Januario tremeu...

—Pode crer que eu tenho uma grande vontade de o colocar. A carta que o sr. trouxe... Enfim... Vamos fazer alguma coisa, mas seja franco... O sr. é bem republicano?.. Messa bem esta pergunta porque isto é muito importante, tanto mais que o senhor, pelo que vejo, está numa situação afflitiva.

—O' senhor! Haverá alguém que seja capaz, depois de tanto que eu fiz, pôr em duvida o meu republicanismo?

—Ninguém porá em duvida mas...

—Eu tambem sou republicano como o senhor, mas da-se esta circumstancia.

Os meus colegas da direcção são monarchicos... Ora se eu lhes vou dizer que o senhor é republicano, o senhor não é colocado, não obstante o meu grande desejo em ser agradável á pessoa que o apresentou, e incompatilizo-me com eles... O senhor é uma pessoa intelligente e deve compreender que na direcção de uma empreza comercial, haver incompatibilidades é deitar tudo a perder... E' necessario haver uma concordancia, uma harmonia de vistas... Enfim, o senhor veja lá... Pondere muito bem a sua vida, e depois resolva...

«Talvez o senhor não seja um republicano tão conhecido como supõe... E daí o não lhe fazer muita differença mostrar uma certa simpatia pelos monarchicos... Assim resolvia-se tudo... de contrario...

O sr. Januario tornou a encontrar-se em sua casa, sem saber como saiu do gabinete do grande republicano, director duma grande companhia, cuja gerencia era composta na sua maioria por monarchicos.

E quando os vizinhos, os filhos o interrogaram sobre o resultado dos seus passos para arranjar a tão almejada colocação, ele respondia, com lagrimas na voz:

—Eu sou um desgraçado... Eu sou um republicano... Nunca farei nada na vida... Sou um republicano cheio de remorços contra o crime que pratiquei, abandonando os meus filhos á crueldade de um ciclo horrivel de privações, e tive nessa tarde um gesto de reparação que ninguém compreendeu.

Encostou á parede uma cadeira, e tentou apagar a oleografia que representava uma mulher com um barrete frigio. Mas não pde. Chorou, chorou muito, e acabou por entreolhar-se num orgulho feroz clamando a proposito de tudo, e contra tudo:

«Sou um homem de principios!

Mas acabou por rematar:

—Sou um desgraçado! Nunca farei nada! Sou um republicano!...

EDUARDO FARIA.

A rebeldia é a mãe de todo o progresso. A humanidade caminha de rebeldia em rebeldia.

Urbain Gohier

A lucta implica sacrificios e a realisação do nosso ideal só é possivel por meio da lucta.

Jean Grave

No Mundo Desportivo

A questão do Remo e o C. O. P.

Nas nossas considerações feitas no numero transacto, diziamos nós, que por não conhecermos bem a questão que se está debatendo entre o presidente do C. O. P. e os dirigentes da Federação de Remo, não tratavamos do assunto com mais largueza.

Focando a inexplicavel attitude do dr. Pontes, quizeamos unicamente revelar o que tem de extraordinario esta sua attitude, pois não se compreende que um presidente de um organismo que é considerado de facto o lidimo representante de todos os desportos, guerreie uma Federação Desportiva, só porque esta não lhe foi pedir obediencia.

Relatemos aos nossos leitores a questão na sua essencia, para eles verem de que lado está a razão.

No Congresso de Praga, efectuado ha tempos, foi oferecido a Portugal a realização das provas internacionais de Remo, o que foi aceite de bom grado debaixo do alto patrocínio do sr. Presidente da Republica.

O governo de então, ponderando as vantagens que adviriam para o nosso país, com a realização dessas provas, prometeu o seu auxilio financeiro e moral.

Sabedor do caso, um redactor de *Os Sports*, publicou uma interessante entrevista com uma alta individualidade desportiva, esquecendo-se, por lapso, de se referir ao nome do presidente do C. O. P., nem fazendo a menor allusão a interferencia deste organismo, na realização da prova.

Como é de supor, a pessoa a cujo nome não se fez a menor referencia, anuou-se, é este o termo, e tratou de arranjar uma enorme embrulhada, cujas consequencias sómente prejudicam o desenvolvimento do desporto.

Não contente ainda com este seu trabalho, o sr. presidente do C. O. P., «preparou» umas noticias que tem sido publicadas no *Seculo*, e com os quais se pretende conquistar a opinião publica, fazendo-lhes crer que Portugal, não possuindo uma rede de estradas razoavel, não tem o direito de dispender qualquer quantia, de cujos resultados não venham melhoramentos materiais para o país.

E nós, que ainda não nos esquecemos, dos jogos de preparação olimpica, iniciativa do dr. Pontes, «que sem proveito algum» é a ladainha deles, custaram a bagatela de 100 contos, pagos pelo governo, quando da sua realização só beneficiou, pelo reclame feito o proprio *Seculo*.

Esse proceder é que nós entendemos por desonesto e por prejudicial á causa desportiva.

Que autoridade tem esse jornal e as penas que lá pontificam, para criticar desportistas que só tem um unico fito, o de engrandecer o nome do país, pedindo, para que os compromissos tomados por representantes da nação, sejam respeitados.

Na questão das provas internacionais de Remo, não se trata de engrandecer o nome de quem quer que seja.

Defende-se unicamente o bom nome de Portugal, nada mais.

E parece-nos que a quantia necessaria para a Federação de Remo, poder realizar essas provas, não é tão elevada, que cause a ruina do país.

Nós, ao lembrar-nos dos milhares de escudos, desperdiçados nos T. M. E. na exposição do Rio, nos Bairros Sociais e em mais outras obras, pasmam como ainda existam parlamentares que não concordem que Portugal tem o dever de cumprir aquilo a que se prontificou a realizar.

Não está em jogo, o nome da Federação de Remo ou o prestigio de qualquer, trata-se de fazer cumprir, um compromisso tomado por representantes de Portugal perante uma dezena de nações estrangeiras.

Mas, se a quantia de 350 contos, é deveras pesada para as disponibilidades do tesouro, então peçam-se ao *Seculo* os 100 contos, que indevidamente receberam, ao C. O. P. os contos de réis que recebeu para levar desportistas a Paris, em que não ficámos vencedores, já que agora só quando se fica vencedor, é que se tira proventos e os 150 contos para as despesas da reunião, a fazer com os representantes dos Comitês estrangeiros e então com todo esse dinheiro, que tem sido esbanjado ás mãos rotas, faça-se «reparar as estradas», já agora que só para auxiliar a Federação de Remo, se lembraram que os caminhos estavam intransitaveis e que o tesouro não podia dispender qualquer quantia.

E ao tomarmos conhecimento de todos estes factos, nós ainda nos admira, que não exista um grupo que de cacete em punho faça como Cristo;

«Expulsar os vendilhões do templo».

ANIBAL TORRES.

Contra o fascismo

Porque se não sae de Lisboa? A Provincia está em perigo!

Fez se uma intensa propaganda pela palavra em Lisboa, escreveram-se e disseram-se bastas e suficientes cousas, e julgámos nós que da capital se passaria á provincia onde, dia a dia, mais instante se torna a necessidade de tal propaganda.

De todos os pontos do país nos escrevem dando conta do alastrar do mal e pedindo-nos remedio.

Em Braga parece ele estar em tal e tão agudo estado que a «Comissão de Propaganda Anti-Fascista de Braga» nos escreve para que apelemos para os agrupamentos da Esquerda Democratica afim de que ali vão pregar a boa doutrina. Porque se não sae de Lisboa?

Fotografias do sr. dr. José Domingues dos Santos

Na administração de *A Choldra* recebem-se pedidos para o envio de belas reproduções de uma fotografia do *leader* da Esquerda Democratica que

TODO O ESQUERDISTA DEVE POSSUIR

Basta enviar 1\$50 para cada fotografia para receber na volta do correio.

Os doze Misterios da Santissima Trindade

Politica, Imprensa e Forças Vivas

POVO! Não te esqueças de
preguntar aos que governam:

- Porque te não dizem o resultado do inquérito às contas entre o Banco Ultramarino e o Estado?
- Porque é ainda segredo o trabalho (?) de uma comissão nomeada HA MAIS DE 2 ANOS para estudar o monopólio dos tabacos?
- Porque, agora que se discute a questão no Parlamento, nenhum deputado, por aquele trabalho pergunta?
- Como foi possível o governo do sr. Antonio Maria da Silva reduzir só a 30 MIL LIBRAS as 500 MIL que os bancos deviam pagar ao Estado?
- Como se deu o milagre do mesmo governo SÓ ter recebido 3 MIL contos de acções da Companhia dos Fosforos quando DEVIA receber 15 MIL!?
- Porque não se conhece o resultado do exame à escrita da mesma Companhia ORDENADO HA UM ANO?
- Porque num ACORDO COMERCIAL com a Alemanha se incluem clausulas POLITICAS permitindo a alemães a PERIGOSA compra de territorios e propriedades nas colonias?
- Porque não se tornou publico, o relatório da comissão de estudo da Reforma Bancaria do Ultramar, ha tanto tempo nomeada?
- Porque espera o Parlamento para determinar um rigoroso exame à escrita da Companhia dos Tabacos, afim de apurar os milhares de contos que indevidamente deixaram de ser pagos ao Estado?
- Como consentiu o Parlamento que o Governo publicasse o decreto sobre as libras de Moçambique que só beneficia o Banco Ultramarino, quando era ao Parlamento que competia resolver o assunto?
- Quando se realisa a interpelação do sr. Dr. Alvaro de Castro ao Ministro das Finanças sobre a questão das libras?
- Porque se não diz de uma vez ao país tudo o que ha de imoral no caso das Reparções?

Povo! Pergunta! Pergunta sempre, e insiste por que te respondam, porque tens o direito de sabe-lo

A CHOLDRA

Semanario republicano de combate e de critica à vida nacional

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Mensal 4\$00 esc. — Trimestral 12\$00 esc. — Semestral 24\$00 esc. — Anual 48\$00 esc.
Pagamento rigorosamente adiantado. Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce a respectiva despesa. — O leitor que angariar 6 assinaturas trimestrais terá direito a receber gratuitamente A Choldra durante o prazo de um semestre.

A' VENDA EM TODAS AS TABACARIAS